

CORPO E CUIDADO: COMPREENDENDO O HUMANO PREENCHIDO DE EXPECTATIVAS CRÓNICAS

Danielle de Gois Santos Caldeira^{1/2} (✉ danielledegoissantos@gmail.com), Elza Dutra¹, & Irene Borges Duarte²

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil; ² Universidade de Évora, Portugal

A Psicologia da Saúde é um campo composto por diferentes áreas de saberes, intervenções e interesses. Temas como educação e saúde convergem nesta especialidade da Psicologia, vinculando a esta, complexidade na prática profissional e no conceito de saúde. A proposta deste artigo é dialogar Psicologia da Saúde e a fundamentação na Fenomenologia contribuindo para ressaltar uma conceituação de saúde que reúna os modos de viver, sofrer, adoecer e morrer do ser humano enfatizando aspetos biológicos e não biológicos (Almeida Filho, 2000). Além disso, é relevante referir que o entendimento de saúde que contamos usualmente é influenciado por pressupostos representacionais os quais reproduzem características de um pensamento moderno como o que foi discutido por Latour (1994) perpetuando (valorizando) realidades previamente definidas pela conveniência das lideranças políticas, sociais e económicas. O caminho eleito para que o diálogo aconteça percorre compreensões sobre corpo, cuidado e humano ampliando as referências científico-naturais que estruturam hegemonicamente as formações dos profissionais.

O trabalho foi construído apoiado em pesquisa bibliográfica quanto às formas como na Psicologia da Saúde corpo e cuidado usualmente são referidos e tomando por base a experiência de análise hermenêutica de casos clínicos acompanhados pela pesquisadora autora principal. Assim, os conteúdos apresentados debatem a importância atribuída ao corpo e aos fazeres científicos na avaliação de patologias restringindo carácter orgânico para o corpo e técnico para o cuidado. As compreensões psicológicas propostas não sobrepõem o saber científico ao saber humano sobre si e o mundo que habitamos.

O surgimento da Psicologia da Saúde deu-se em torno da década de 70 do século XX, período onde convergiram alterações sociais, económicas, políticas e culturais. O surgimento desta especialidade fez a Psicologia ramificar em várias direcções, destaque a dois caminhos: saúde referida a diferentes formas de doenças mentais e saúde acompanhando limitações nos modos de viver na convivência com patologias físicas.

A Psicologia da Saúde conforme se foi desenvolvendo nos Estados Unidos contradizia-se com a Psicologia Clínica que era reconhecida pelo seu empenho nas questões relacionadas à saúde mental e as doenças mentais. A seguir a década de 70 surgiram especialidades nesta modalidade de trabalho psicológico incluindo disseminação das especialidades através de periódicos científicos em jornais. Além do distanciamento quanto às doenças mentais, destacou-se nesta especialidade um deslocamento dos pólos de actuação que passaram a adoptar a saúde como pólo de trabalho e não a doença.

Na década de 80, a Psicologia da Saúde obteve um maior interesse dos psicólogos e da população pela área. Os autores Belar, Deardorff e Kelly (1987) relacionaram o aumento de interesse na especialidade com o cruzamento de fatores como o insucesso do modelo biomédico no que diz respeito a explicação para doença e saúde, aumento do interesse pela qualidade de vida associada à prevenção das doenças, atenção dos profissionais para as doenças crónicas, avanços quanto às investigações voltadas para as ciências comportamentais, crescente interesse para os cuidados de saúde, entre outros.

Paralelamente ao aperfeiçoamento do trabalho ao qual se dedicou a Psicologia da Saúde cresceram expectativas quanto ao humano em sua longevidade, produção, etc.; as pesquisas na Psicologia da Saúde e as demandas para a clínica psicológica têm-se confrontado com uma humanidade que precisa ser compreendida. Este exercício não se resume a uma tarefa elaborativa cognitiva, pois nos expõe ao nosso modo de experimentar, a nós e ao mundo que habitamos, nesta direcção a presente investigação reflecte noções de corpo e cuidado a partir de inspiração na fenomenologia respeitando e nos aproximando do humano que somos.

A predominância de estudos que valorizam e reforçam ideias pré-concebidas sobre a exibição de corpo, vida e consumos de maneira idealizadas coloca-nos distantes de experiências próprias e aproximadas do cotidiano. A forma usual e sistemática como os profissionais lidam com

a saúde não justifica reprodução de ideologias que nos afastam de compreensões quanto aos modos como adoecemos e vivemos. Não é satisfatória a criação de novos discursos e técnicas como discutiu Ayres (2004) visando a promoção de saúde, redução de vulnerabilidades, entre outras denominações quando estas não são problematizadas, refletidas e contextualizadas. Transformações radicais no modo de saber e cuidar do saber em saúde (Merhy, 2002) atingem não a defesa de novas definições, mas mudanças de pensamento e acção.

Não é definindo antecipadamente e sem apoio na dimensão clínica que atingiríamos as mais seguras interpretações e maneiras de compor atenção e zelo no cuidado. Manso (2015) recordou-nos que o cuidado é um processo contínuo e em mutação. O cuidado não nos permite generalizações ou restrição a uma área de conhecimento. O cuidado nos proporciona intervir, é possibilidade de mobilização para além de idealizações. Cuidar sintoniza-nos por sensibilidades práticas inseparáveis nas dinâmicas conhecer e agir, intuir e pesquisar de quem anseia por harmonia e equilíbrio como constantes semelhantes à almejada felicidade dos filósofos antigos.

DISCUSSÃO

O cuidar nos agencia com nosso corpo e o corpo dos outros, pois expressa o modo como somos afectados pelas experiências atemporalmente. Corpo vai além da superfície de contacto, nele são reunidas as composições dos movimentos de diferentes realidades, circunscreve o que acreditamos ser nós, o nosso íntimo e o mundo, além disso incide sobre a nossa leitura do que é o público, uma espécie de exteriorizar paralelamente íntimo e estrangeiro. Corpo se define conectando-nos de maneira que quanto mais conexões, mais porções de mundo são inauguradas e inúmeras diferenciações se abrem à experiência (Latour, 2004).

Crescem mundialmente estudos de natureza científica psicológica a respeito das três noções investigadas neste estudo, são elas: cuidado, corpo e humano. Conforme referido, este trabalho investigou e reflectiu correlações entre cuidado e corpo auxiliando-nos na compreensão de nossa

humanidade de maneira a romper com conceitos sobre saúde que antecipam uma rigidez não plausível à dinâmica humana entre corpo e cuidado.

Nesta direcção são ressaltadas contextualizações caracterizadas pela adequação as demandas económicas, políticas e sociais. O exemplo que compartilho refere-se ao crescente número de cirurgias plásticas denominadas correctivas visando uma melhor adaptação e aprimoramento do corpo biológico e da sensação de bem-estar e inserção em grupos por parte dos solicitantes. Não são raras nem mesmo camufladas as publicidades sobre venda de procedimentos cirúrgicos que são referidos como tratamentos de aperfeiçoamento da imagem. Juntamente com os inúmeros tratamentos encontram-se consultorias sobre hábitos, publicidade para adquirir padrões físicos e tipologias de postura. Resumindo: corpo, cuidado e humano nesta lógica comercial são restritos a características identificadoras e uniformizadoras, tornando-nos objectos de consumo e consumíveis, distante de uma singularidade (do nosso modo de estar no mundo) e da racionalidade (enquanto elaboração cognitiva da condição experimentada) que nos diferenciaria dos outros animais.

No intuito de problematizar este panorama a inspiração advém da influência da Fenomenologia e da Hermenêutica para o desenvolvimento da investigação, a partir de diálogos com filósofos que se interessaram por conteúdos experienciais e que apareçam na primeira pessoa, ilustrando componentes de uma reconhecida tradição filosófica fenomenológica. Na relação entre os saberes psicológico e filosófico, Fenomenologia e Existencialismo aparecem referências obrigatórias como: Brentano, Husserl, Jaspers, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. Estes filósofos estreitaram laços em meados do século XX repercutindo nos campos da psicopatologia, da psicoterapia e da pesquisa qualitativa na actualidade.

A proposta de investigação das três noções se desenvolveu como proposição clínica psicológica inspirada na Psicoterapia Existencial a partir da influência da Filosofia Existencial de Martin Heidegger. Desta forma, corpo é compreendido seguindo as orientações do filósofo ao longo dos 10 anos de seminários que aconteceram em Zollikon (Suíça) reunindo profissionais interessados nos assuntos da existência confiantes que esta dimensão era negligenciada no campo científico natural.

No transcórre dos seminários, que posteriormente compuseram o livro *Seminários de Zollikon* deu-se no seminário de 6 e 8 de julho de

1965, a leitura da noção corpo como uma corporeidade dimensão desconhecida dos interessados e instigadora de outras leituras que não obedeciam aos critérios de análise até então conhecidas. Assim, a restrição ao corpo como biológico foi alargada para a confluência entre biologia e os modos de pensar, sentir e existir.

Este corporar é o tornar presente múltiplas dimensões que propomos aproximar da Psicologia da Saúde possibilitando outras formas de atenção e preparação dos profissionais, além de sensibilização do humano que nos compõe para o “conteúdo corpo”. Acaso o fenómeno do corpo não seja posicionado para discussão, ele corre o risco de não se tornar presente para além do biológico. O tornar presente é uma manifestação para fora, na qual perguntamos sobre as relações que o corpo, assim como outros fenómenos estabelecem.

A maneira como usualmente as ciências conhecem o corpo tornam corpo e seus interessados susceptíveis à cegueira das naturalizações. Segundo Heidegger (1987/2009) “a ciência se torna cega para aquilo que ela deve pressupor, cega para aquilo que ela gostaria de explicar à sua maneira, em sua gênese” (p. 110). Esta cegueira não é particular as ciências, contempla-nos não-cientificamente fazendo com que nos habituemos às suposições negligenciando o impulso ao questionamento e pousando no refúgio das certezas descartáveis.

A partir do problema do corpo [*Leibproblem*] a proposição não reside em solucionar a questão entre biológico e psicológico, muito menos solucionar impasses em que se localizam tratamentos convencionais como se fossem de foro psicossomático. Primeiro, é preciso reconhecer a problemática do corpo, assim Heidegger (1987/2009) propôs uma crítica ao corpo, entendendo crítica como um “deixar ver o diferente como tal em sua diferença” (p. 111). O diferente precisa necessariamente ser comparado e esta é uma tarefa árdua, a mesma tarefa que ele propõe a psicossomática. A crítica à psicossomática, ou seja, sua diferenciação, assim como a do corpo apoiam-se em encontrarmos meios de tratar do ser do homem, isto quer dizer, considerar vivamente sua existência, nas palavras do autor, “falamos de doenças psicossomáticas quando perturbações dos sentidos condicionam sintomas patológicos” (p. 112), ainda chamando-as doenças emocionais. Não é à toa que os interessados em remodelações físicas se empenham em modificações eventualmente satisfatórias e definitivas. Chamamos a atenção que o alvo das modificações não é somente

pele, volume ou na forma, possivelmente existam relações com vazios de sentir, excessos de opiniões, temor de não aceitação, etc.

O corpo matéria [*Korper*] não é distinto em todas as relações possíveis de serem descritas incluindo aquelas que temos dificuldade de denominar. Manter o diálogo na pergunta pelo ser é um modo de saber perguntar de maneira não natural sobre os caminhos a seguir na medida em que é aberta a possibilidade de reconhecimento quanto aos modos que nos privamos e nos lançamos no nosso cotidiano. A corporeidade é maneira de nos ordenarmos, situarmo-nos no mundo seguindo uma espécie de abrigo que nos mantém dentro e fora.

Na corporeidade que é admitida relacionando-se com o existir não há meios de mensurar ou provar, apenas tornar presente nossas compreensões de nós e de mundo. Com exceção da morte, o corpo não é terminado, delimitado pela forma, contexto ou espaço, ele não termina, pode sim estar passível de distanciação, nos distanciamos do que somos e isto expõe um mistério de privação que merece atenção. O corporar do corpo, como se fosse uma acção do corpo, sua participação no estar-aqui do homem é manutenção que expande os limites do corpo material (a qual resumiríamos como no limite da pele). A diferença, ou melhor o limite, do corpo não é medido quantitativamente, “o corporar do corpo [*Leiben des Leibes*] determina-se a partir do modo do meu ser” (Heidegger, 1987/2009, p. 123). O que me possibilita inferir que as modificações realizadas não se restringem a matéria, mas estendem-se em diferentes âmbitos, que não querem dizer apenas respeito quanto a algo interior, mas a contínua compreensão de como habitamos o mundo.

Ao expor o corpo de maneira não convencional publicita-se modos de geri-lo, modo de cuidá-lo. O cuidado que apoia e mobiliza a corporeidade foi admitido como existencial humano, conforme Heidegger (1927/2012) em sua obra fundamental *Ser e tempo*. Cuidando na medida em que se cultiva a temática da existência proporciona ao humano movermo-nos da posição de executores de acções previamente coordenadas para situar-nos como *ser-com*. Na condição de *ser-com* partilhamos o empenho, as limitações, mas também o zelo que pode ser tranquilizador e abertura de novos caminhos apoiados na reciprocidade de cuidar e de sermos cuidados.

Visto que os caminhos na vivência de nossas experiências se sucedem de forma singular, o modo encontrado para orientar na clínica psicológica baseia-se nos princípios da Fenomenologia Hermenêutica. Nesta, a clínica

se empenha num trabalho onde os critérios utilizados não priorizam determinismos causais como sentenças explicativas para o humano. Assim, o humano não é restritivo ao cumprimento de expectativas ou ajustamento de comportamento a padrões que priorizam acentuadamente as patologias em detrimento dos sentidos que advém de nossas relações.

No cuidado manifestam-se os modos de ser dos envolvidos que podem se perceber ou não na sua condição de projecto em contínuo movimento, isto é, enfrentando dilemas para as tomadas de decisão, nesta dinâmica de cuidar são abolidas as hierarquias incentivando o mais harmónico cultivo dos modos de ser próximos (do *Dasein, ser-aí*) como preocupação e distantes (coisas) como ocupação. A autora Adela Cortina (2007) trouxe nos seus trabalhos inspiração para adoptarmos novas perspectivas de cuidar. Cortina privilegiou, no contemporâneo, o cuidado que nos une e desadormece para o aberto e relacional, circunscrevendo-nos em homens e mulheres singulares em nossas acções e com pensamentos dialogantes entre racionalidade e compaixão.

Outro autor para este diálogo foi Merleau-Ponty (1994), com ele foi possível reflectir sobre nossa condição de expostos ao mundo via corpo no exercício de abertura a diferentes modos de zelo deste. Sua preocupação voltou-se na compreensão pela investigação da experiência imediata que estabelecemos com nosso corpo, assim como trazer o corpo próprio ao centro de nossa percepção.

Merleau-Ponty (1945) adoptou a noção de esquema corporal nas suas discussões acerca da percepção do corpo próprio. Nesta altura o filósofo problematizou a questão do corpo de maneira a considerar permeabilidade mútua entre as partes do nosso corpo e em relação a outrem e ao mundo. O filósofo contribui com uma noção de reversibilidade do corpo em nós aludindo ao conciliar de corpo próprio e corpo estrangeiro independente da condição de privação no adoecimento ou não, e que usualmente nos é despertado diante das privações do adoecimento.

A reflexão realizada neste trabalho pretende ser um alerta à solidificação das práticas que zelam pelo corpo físico e afectivo, e representações avaliativas do corpo e cuidado. Estes fenómenos são lidos pelas ciências gerando disputas (algumas áreas investem no cuidado e outras distinguem relações possíveis entre cuidado e corpo). A proposição de diálogo pretende sensibilizar a Psicologia na tarefa de compreender e instigar processos para nos aproximarmos de nós mesmos. Esta alternativa coaduna corpo e

cuidado partindo de um zelo de nós mesmos, incentivando o cuidado orientado na Fenomenologia Hermenêutica. Por conseguinte, corpo, cuidado e humano não estão dados, são provocações do modo como estamos vivendo e dos caminhos que estamos percorrendo na defesa da vida.

REFERÊNCIAS

- Almeida Filho, N. (2002). Saúde como ausência de doença: Crítica à teoria funcionalista de Christopher Boorse. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 879-889. Brasil.
- Ayres, J. R. C. M. (2004). Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. *Interface (Botucatu)*, 8(14), 73-92. Botucatu. Brasil.
- Belar, C. D., Deardorff, W. W., & Kelly, K. E. (1987). *The practice of clinical health psychology*. Pergamon Press. New York. Estados Unidos da América.
- Cortina, A. (2007). *Ética de la Razon Cordial: Educar en la ciudadanía en el siglo XXI*. Editora Nobel. Oviedo. Espanha.
- Heidegger, M. (1987/2009). *Seminário de Zollikon*. In Medard Boss. Tradução de Gabriela Arnold e Maria de Fátima de Almeida Prado. EDUC. Editora Vozes. Petrópolis. Brasil.
- Heidegger, M. (1927/2012). *Ser e tempo*. Coleção Multilíngues de Filosofia da Unicamp. Editora da Unicamp, Campinas; Editora Vozes, Petrópolis. Brasil.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Ed. 34. Rio de Janeiro. Brasil.
- Latour, B. (2004). *Políticas da natureza. Como fazer ciência na democracia*. Trad. de Carlos Aurélio Mota de Souza. Edusc. Bauru, São Paulo. Brasil.
- Manso, C. C. (2015). *O fazer-cuidar: seguindo práticas de cuidar nas Equipes de Saúde da Família e nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família*. Tese (Doutorado) – Programa de Pósgraduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
- Merhy, E. E. (2002). *Saúde: Cartografia do trabalho vivo em ato*. Hucitec. São Paulo, Brasil.
- Alves, R. F. (Org.). (2011). *Psicologia da saúde: Teoria, intervenção e pesquisa [online]*. EDUEPB. Campina Grande. Brasil.

Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris, França: Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (1994). *La nature: Cours du Collège de France: Notes, suivi des résumés de cours correspondants*. Paris, França: Éditions du Seuil.